

# Uma experiência da destruição

Camila Alexandrini

Graduada e Mestra em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora e plenamente interessada nas diversas linguagens que compõem os sujeitos. Nada me escapa, talvez, por isso, é recorrente o estado de desterritorialização. “Do lugar onde estou já fui embora.”

**Resumo.** A prática da pesquisa na universidade é aqui compreendida como um exercício poético, portanto, uma prática artística, a qual busca se constituir por métodos previstos, porém dispostos ao não planejado. Utilizamos-nos da fotografia como alicerce da performance, embora nos seja claro que ela ali não está. Sendo assim, desejamos, por meio deste texto, demonstrar os caminhos e os resultados iniciais de um projeto desenvolvido com o intuito de provocar uma outra experiência com o objeto livro através do corte, do que chamamos de destruição, bem como interrogar aquele que compartilha dela conosco e, assim, aprimorar e ampliar os objetivos e questionamentos dessa ação. De tal modo, cortar o livro é, antes de tudo, investigar.

**Palavras-chave.** experiência, livro, destruição.

## An experience of destruction

**Abstract.** The practice of research in the university is understood here as a poetic exercise, therefore, an artistic practice, which looks for a constitution with methods foreseen, however prepared to unplanned. We used photography as foundation of the performance, although we know that it is not there. Therefore, we wish through this text, show the paths and the initial results of a project developed with the intention of provoking another experience with the book object by cutting, that we called destruction, as well as to interrogate who shares it with us, improving and expanding the objectives and questions of this action. In such a way, a cut in the book is, first of all, a process of investigation.

**Keywords.** experience, book, destruction.



*Este mundo ainda é passível de uma experiência viva?*

Theodor Adorno

Não é de hoje que o livro (seu objeto e sua aura) possui um valor quase que intocável na cultura ocidental letrada. Bibliotecas há séculos representam o espaço do conhecimento; fotografias em cafés de grandes livrarias são indicativos de um índice *cult* ou *cool* que todos parecem almejar; estantes de madeira decoram casas; livros são também vendidos a metro, em sites como o *Books by the foot*, já que é importante recheiar bem as prateleiras, respeitando as dicas de design interior; além disso, ‘cai muito bem’ presentear os infinitos amigos secretos de fim de ano com vales-presente da Livraria Cultura... Os recortes cotidianos não param por aí. Mesmo que plataformas online e novas tecnologias tenham dado conta do suntuoso espaço que o livro ocupa em nossa vida, na cidade letrada, é impossível ainda hoje negar o valor cultural<sup>1</sup> que o objeto livro preserva.



Já apontava Roland Barthes, em praticamente todos os seus textos pós-estruturalistas, que o prazer é o substrato de qualquer leitura, mas será essa a razão, o desejo pelos livros e a relação passional que leitores mais proficientes parecem manter com o objeto, a qual justifica o fato de resguardamos um espaço quase que divino a eles? Ou talvez seja aquilo que, reafirmado por Giorgio Agamben (2005, p. 21), possui seu legado na contemporaneidade, como projeto da ciência moderna, e que, com tristeza, Walter Benjamin (1994, p. 115) constatou desde a época moderna: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”. Em busca de respostas plausíveis ou, pelo menos, provocadoras de outros questionamentos, o projeto aqui apresentado começou a se desenhar (Figuras 1, 2 e 3).

Mesmo que estejamos propondo a destruição de uma dada unidade, é preciso deixar claro que a experiência que será relatada não se trata de uma declaração de guerra *contra* o livro, tampouco uma cruzada em seu nome. No projeto em desenvolvimento, buscamos questionar, provocar e incomodar a rápida conclusão da proposição: livro = conhecimento. Nesse sentido, o que nos levou inicialmente a serrar livros foi um desejo por perturbação.

Como acadêmicos, a escolha de nosso alvo pareceu-nos ter sido a mais apropriada, embora a configuração do projeto, bem como os entendimentos do objeto-livro nessa experiência performática, tenham se modificado ao longo das discussões e dos encontros, já que percebemos que são muitas camadas as que se afetam com cada corte. De qualquer modo, é inclusive por sermos acadêmicos que nos sentimos impelidos a propor instabilidades no percurso ao saber, nesse caso, não só o que reside em livros, mas também o conhecimento que se constitui a partir dele. Questionávamos, inclusive, o quanto, inseridos no sistema simbólico da universidade, não estaríamos reconstruindo pontes e muros por meio dessa experiência, visto que, o nosso país, por exemplo, ocupa a oitava posição entre os países com o maior número de analfabetos, conforme relatório recente da UNESCO. Perguntávamos algumas vezes se não estaríamos promovendo uma experiência controversa a demandas sociais que nos são pertinentes ao exercício discente e docente. Sem negligenciar tais questionamentos, decidimos manter um entendimento da experiência<sup>2</sup>, o qual se aproxima ao de John Dewey (2010):

No discurso sobre uma experiência, devemos servir-nos desses adjetivos de interpretação. Ao repassar mentalmente uma experiência, depois que ela ocorre, podemos constatar que uma propriedade e não outra foi suficientemente dominante, de modo que caracteriza a experiência como um todo. (DEWEY, 2010, p. 114).



Na verdade, a cada denso corte, desejávamos, de maneira não tão evidente a nós mesmos, destruir o objeto-livro na tentativa de restituir-lhe a aura, ou seja, resgatar de seu simulacro de vidro, guardado em cristaleiras, seu mistério e sua propriedade – mesmo que essa nunca tenha sido clara a nós mesmos, sabemos que nela não se encontra o reduto encerrado do saber, o qual tantas vezes é preservado nas instituições de ensino. Buscávamos uma experiência estética, a qual nos parecia um tanto alheia à intelectual, mas evidentemente marcada por uma ação corporal – impressão não ingênua, mas ainda não clara à própria conclusão a que toda experiência está atrelada, “não uma coisa distinta e independente, mas a consumação de um movimento” (DEWEY, 2010, p. 113). Movimento esse que se inicia ao aceitar que se conjuguem num mesmo espaço serra e livro.



Fig. 4: Experiência 2. Fotografia digital de Adriana Pereira Kury. Arquivo Pessoal, 2013.

De acordo com Montaigne (1987, p. 348), “o desejo de conhecimento é o mais natural. Experimentamos todos os meios suscetíveis de satisfazê-lo, e quando a razão não basta, apelamos para a experiência”. De outro modo, tal como uma experiência artística, o livro tem se perdido. Embora consideremos o século XXI o momento histórico de exigências constantes à leitura e aos leitores, isto é, nunca fomos tão impelidos à leitura quanto agora, uma significativa parcela da sociedade não *experencia* o ato de ler, torna seu objeto sacro, portanto, impenetrável, quando não o realiza distante de seus afetos. Ao serrar, ansiávamos, inclusive, profanar as etiquetas e os códigos de barra; as leis e os dogmas; as performances sociais e as bandeiras que tornam o livro um objeto e não um meio à experiência ou ela própria. Havia, sem ao certo mensurar, um singelo ataque à letra e ao signo, mas



a força que o músculo exerce no instante do corte é antes para distrair a ordem, desconfigurar e desfocar a leitura que fizemos de qualquer livro, antes mesmo de o abriremos. Destruição, dessa forma, é, antes de mais nada, a escrita que se dá por meio de outras ferramentas, a experiência que ganha em riqueza, tendo em vista o reconhecimento de um outro (para nós, novo) aporte daquilo que nos é tão íntimo.



Fig. 5 e 6: Experiência 3. Fotografias digitais de Carine Betker. Arquivo Pessoal, 2013.

Com a sequência dos encontros, um deles com participação de outras pessoas intrigadas ao que ali se passava (Figura 4) e um outro na disciplina do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (2013/2), Tópico Especial III: História e Teoria da Arte como Experiência, ministrada pela professora Daniela Kern (Figuras 5 e 6), verificamos que, muitas vezes, o objeto a ser destruído se multiplicava, permanecia em pedaços, mas ainda intacto. Sem nos aprofundar tanto nesse resultado da experiência, decidimos nos concentrar nas lascas, nos restos, na poeira que subtraía de cada livro. Ponderávamos os restos partes não reconhecidas antes, escondidas nas estantes; instituíamos ao recorte e ao cortar a unidade renegada, pois, tal como objetos de pleno afeto, elas lhes são



vetadas. A partir dessa compreensão, a publicação das primeiras impressões do projeto se deu:

Partiram. Partiram o tempo e o espaço. A paisagem agora se mostra na dobra, nem lá, nem aqui. O caminho cindido é por onde caminham, ao mesmo tempo. Nem lá, nem aqui. Partir, estilhaçar. Uma montagem de constelações fragmentárias, de letras penduradas, de corpos desnudos sobre o ar que paira. Sobrevoar, tarefa de seres alados hábeis em sua trajetória, tão diferentes de nós. Nós, mesmo que determinados, seguimos a linha não tracejada, por onde a tesoura passa sem se ater ao percurso, à finalidade de partir. Partiram sem mapas, sem o plano cartográfico necessário aos velejadores solitários, mas, mesmo assim, desejavam se encontrar, diante do vazio. A lâmina desenha com uma delicadeza que se assemelha a do viver, ela possui exatamente a força mínima do gesto que se aproxima a um momento amoroso, deixa as cicatrizes para dizer quem é, para que está ali, porque é da forma que é. O pulso, o músculo e a lâmina compõem o tripé que sustenta esse movimento de partir, os três juntos eliminam, inclusive, as possibilidades de se sair ileso – pois, depois de partir, não há como voltar. (ALEXANDRINI E PANDOLFO, 2013, p.3)



Fig. 7: Experiência 1. Fotografias digitais dos idealizadores do projeto. Arquivo Pessoal, 2013

Por vezes, fora descoberta uma leitura impraticável a partir da unidade primeira e encerrada do livro, além disso, as dimensões específicas ganhavam desenhos e labirintos singulares (Figura 7). Seria plenamente possível trabalhar artisticamente, por meio desses elementos, o potencial escultural que cada livro adotou, entretanto, buscávamos antes compartilhar a experiência que provoca incômodos e revoltas em uns e saciedades em outros. Claramente não arbitrária, a serra foi disposta como a principal ferramenta de corte com o intuito de



provocar o olho e a razão; o corpo e a emoção, ou seja, uma tentativa simbólica de experimentar o livro<sup>3</sup> também na parte tantas vezes obliterada da constituição do saber: o músculo (Figura 8).

Isso é o desejo, o de afetar. O afeto transmuta a dolorosa sensação de incompletude em fissura necessária ao ser, à matéria. Não coube mais em nós essa dor, trazê-la aos olhos foi a maneira que encontramos de lidar com ela. Mas, se tudo fosse tão simples, não estaríamos escrevendo – pelo menos não no agora.

### Escrever Fissurar Afetar

Entre margens, formas e letras, procuro a distância precisa entre o que parece ser e o que ainda não é. Num impulso, como em uma rebelião, o desejo alça os objetos mais cortantes que ele conhece, dos mais agressivos aos mais sutis. Ele tenta fazer daquilo que é uno, dois, três, mil pedaços disformes, linhas de fuga à sua imagem. Para isso, não sabe bem, não planeja, não pressupõe nada. (ALEXANDRINI E PANDOLFO, 2013, p. 2).

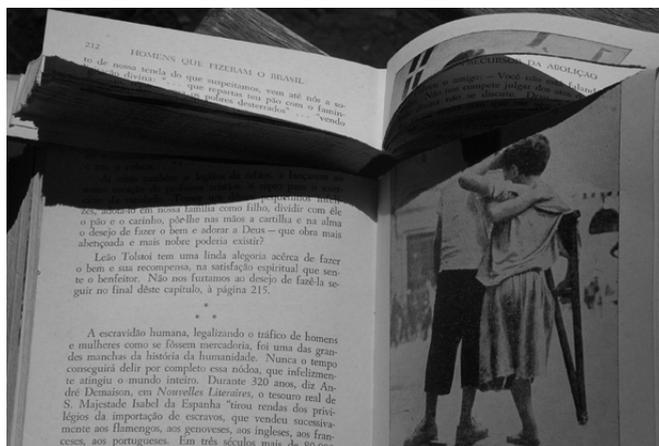


Fig. 8: Experiência 1. Fotografias digitais dos idealizadores do projeto. Arquivo Pessoal, 2013

Esperamos que essa experiência, que não nasceu com esse nome, tampouco com esse intuito, contudo, se constitui hoje dessa maneira e ganha perspectivas maiores a partir desse ponto de vista teórico, seja vivida em sua medida significativa e, por ser assim, perversa, uma vez que nela está no centro um dos objetos de maior apreço aos sujeitos leitores ou ainda aos aspirantes. Agora, os momentos da experiência de destruição do objeto-livro parecem ganhar desenhos mais definidos, articuladores mais bem arquitetados, propósitos menos obscuros a nós, os idealizadores, a partir de um determinado nível conclusivo



da primeira parte do projeto aqui pontuada. Temos em vista a participação em pequenas galerias de arte, a exposição dos rastros e restos de cada corte na rua, a realização de mais cortes, a fim de ampliar o registro das impressões textuais e fotográficas dos participantes e, desse modo, evitar definições prévias, permitindo um índice presente em toda experiência compartilhada, o imprevisto.

Barbárie? Sim. Responderemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 1994, p. 115-6).

Pareceu-nos claro, igualmente, que não possuíamos qualquer interesse em chocar, escandalizar ou assombrar os que veneram o livro. Somos da mesma forma amantes deste objeto, desejamos a vivência cada vez mais profícua da leitura, resguardamos espaços cuidadosos aos mesmos livros que serramos, entretanto, permanece ainda o desejo de provocar uma experiência verdadeiramente viva, de instigar os sujeitos à realização de práticas e performances sociais que intriguem, inclusive, os lugares consagrados do conhecimento, os espaços selecionados da reflexão crítica, os ambientes reservados de troca das ideias. E, ansiamos talvez que no corte, na lacuna, na fenda encontremos uma outra forma de ler, de produzir sentido, de organizar o pensamento – aquela que o intelecto alcança por meio do corpo. O livro, antes objeto, tornar-se, assim, parte desse músculo, o qual imprime a força necessária para se reconstituir como parte integrante do sujeito: afetado, porém vivo.

A experiência, no sentido vital, define-se pelas situações e episódios a que nos referimos espontaneamente como “experiências reais” - aquelas coisas de que dizemos, ao recordá-las: “isso é que foi experiência.” Pode ter sido algo de tremenda importância [...] Ou pode ter sido algo que, em termos comparativos, foi insignificante – e que, talvez por sua própria insignificância, ilustra ainda melhor o que é ser uma experiência. (DEWEY, 2010, p. 110).

<sup>1</sup> Sobre o valor de mercado nem é preciso se referir, já que Feiras do Livro ao redor do mundo, tais como a de Frankfurt, no último ano, por exemplo, contou com mais de 7300 expositores de 100 países diferentes e movimentou cerca de 10 milhões de euros, além das diversas trocas editoriais e de direitos autorais que são estabelecidas no evento, as quais estimulam negócios bastante lucrativos no restante do ano.

<sup>2</sup> Sabemos que o conceito de *experiência* tem sido largamente estudado hoje. Estudos da arte têm se debruçado sobre esse conceito, que alcança os ensaios de Montaigne até os trabalhos de pesquisadores atuais em contínuo exercício, tais como Martin Jay, em *Songs of Experience* (2004), em



que o autor elabora uma extensa análise sobre a experiência desde os estudos da epistemologia até os estudos da linguagem, passando pelas experiências religiosas, política e histórica. Assim como ele, considera-se marco desse viés teórico-analítico, pelo menos no campo das Artes Visuais, o estudo de John Dewey, *Art as experience* (1980). Nele, o também professor, Dewey, elabora princípios que determinam a configuração de uma experiência, a qual não acontece somente em ambientes artísticos, mas também cotidianamente.

<sup>3</sup> Didi-Huberman (2011, p.115), em seu livro intitulado *A Sobrevivência dos vaga-lumes*, trata da luminescência de pequenos seres, os vagalumes, os quais, diante da luz ofuscante que impera em nosso tempo, “dão forma e lampejo a nossa frágil imanência”. A partir da releitura de Pasolini d’*A Divina Comédia* de Dante Alighieri, o teórico propõe que nos atenhamos aos *luciole*: “os ‘ferozes projetores’ da grande luz devoram toda forma e todo lampejo – toda diferença – na transcendência dos fins derradeiros. Dar exclusiva atenção ao horizonte é tornar-se incapaz de olhar a menor imagem”. Observar os vagalumes é, também, desafiar as estruturas simbólicas – tentativa que se imprime nesse projeto.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Lisboa: Ed. 70, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: Ensaio sobre a destruição da experiência. In: \_\_\_\_\_. *Infância e História: Destruição da Experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p.21-78.

ALEXANDRINI, Camila, PANDOLFO, Alexandre. *Rastros*. n.7, jul-ago, 2013. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/rastros/n7.html>> Acesso em: 21 de jan. de 2014..

BOOKS BY THE FOOT [website]. Disponível em: <<http://www.booksbythefoot.com/>> Acesso em: 01 de fev. de 2014.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119. (Obras Escolhidas v. 1)

DEWEY, John. Ter uma experiência. In: \_\_\_\_\_. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 109-141.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.



FOLHA DE SÃO PAULO. *O Brasil é o 8º país com mais adultos analfabetos, aponta UNESCO*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/01/1404371-brasil-e-o-8-pais-com-mais-adultos-analfabetos-aponta-unesco.shtml>> Acesso em 01 de fev. de 2014.

FRANKFURT BOOK FAIR. Disponível em: <<http://www.buchmesse.de/en/>> Acesso em 01 de fev. de 2014.

JAY, Martin. *Songs of Experience: modern American and European variations on a universal theme*. University of California Press, 2004.

MONTAIGNE, M. E. de. Da experiência. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Hucitec, 1987, p.348-388.

Artigo recebido em março de 2014. Aprovado em outubro de 2014.

